

A Família Comboniana

A *Família Comboniana* é uma comunidade de pessoas que nasceu em torno da figura de um missionário, **São Daniel Comboni**. Um homem nascido há quase dois séculos, em 15 de março de 1831, numa pequena aldeia rural com vista para o lago Garda, Limone.



É de Limone sul Garda que Daniel parte para estudar em Verona, no Instituto de Don Mazza, e para compreender, com uma visão ainda não adormecida, como um continente distante, como a África, tinha a necessidade de percorrer um caminho que partisse de si mesmo, do seu povo, há muito tempo e ainda hoje, depredado das suas riquezas naturais e humanas.

Daniele, então, invocava uma missão e uma Igreja capazes de unir forças para se salvar, com a salvação de África, dos seus povos e, portanto, de si mesma. O mesmo anseio que move a Família Comboniana hoje.



Naquele ***Plano para a regeneração da África***, que Comboni, por uma intuição carismática, começa a sonhar aos pés do túmulo de São Pedro, em 15 de setembro de 1864, desenha-se um mundo diferente, que se traduz num lema: **«Salvar a África com a África»**. Um lema que sonha em tornar as pessoas protagonistas do seu presente e futuro, a partir das realidades quotidianas em que vivem, das escravidões antigas e modernas que lhes são impostas por uma riqueza ocidental cada vez mais ávida e cruel.



Comboni sabe que o primeiro instrumento para a salvação é o **conhecimento** e empenha-se, antes de mais, na **formação** de professores e artesãos, bem como de catequistas, freiras e padres, para que cada pessoa, dentro da sua comunidade, encontre a sua maneira de viver o Evangelho, a proximidade e a partilha.

Nasce assim o embrião de um **movimento missionário** que reúne presenças religiosas e leigas, masculinas e femininas, autóctones e não autóctones, capazes de partilhar necessidades e interesses, na complementaridade de um objetivo que parte da consciência de que cada pessoa se salva se todas se salvarem, que cada pessoa pode ser o que é se também as outras tiverem a mesma possibilidade.

Um projeto de humanidade que não se limita ao continente africano, mas que expande a sua marca a toda a Europa, que deve conhecer aquela terra então distante e contribuir para a salvação. Compreendendo a importância não só da formação, mas também da **informação**, Comboni pensa numa revista: «*Gli Annali del Buon Pastore*» (Os Anais do Bom Pastor).



É uma época distante, a de Daniele, uma época de tráfico de escravos, de grandes discriminações baseadas na cor e nas diferenças religiosas. Por isso, Comboni compreendeu a necessidade de unir os mundos do conhecimento da época, o mundo civil, cultural e político, em prol de uma causa comum. O seu sonho ultrapassou o tempo, o seu sonho continua atual, não só porque se concretizou a frase que ele disse: «*Eu morro, mas a minha obra não morrerá*», mas porque ainda hoje vivemos um tempo de escravatura e de pensamentos de supremacia.



A obra de Daniel viu nascer **os Institutos religiosos das Irmãs e dos Missionários Combonianos e, mais recentemente, as Missionárias Seculares Combonianas e os Leigos e Leigas Missionários Combonianos**. Assim, o anseio «*Se tivesse mil vidas, daria todas pela missão*» continuou a manifestar-se ao longo do tempo, nas vidas daqueles que escolheram continuar o *Plano*, traduzindo-o no caminho de uma família, a **Família Comboniana**.

Homens e mulheres capazes de alargar os horizontes geográficos desse sonho, abrindo o seu coração ao serviço *dos mais pobres e abandonados*, como dizia Comboni, presentes tanto em África como na Europa, América e Ásia; naqueles lugares de fronteira, nas periferias de um mundo global que se declina como **Casa comum**, aquela Casa que a *Família Comboniana* habita em todos os lugares onde vive o seu quotidiano.



Apresentamos-vos, portanto, a nossa *Família*, uma Família que segue as pegadas de São Daniel Comboni, na esperança de que queiram envolver-se num conjunto de pessoas que vai além de estar fisicamente no mesmo lugar a fazer as mesmas coisas, o que significa partilha recíproca e acolhimento da riqueza que está na peculiaridade de cada pessoa, onde a diversidade do outro se torna um dom que faz compreender melhor a própria identidade...

Missionários Combonianos



Os Missionários Combonianos são um instituto missionário católico presente hoje em mais de 40 países, em todos os continentes. A sua missão é anunciar o Evangelho de Jesus Cristo, em particular aos povos e grupos humanos que ainda não o conhecem.

Todos os missionários se consagram a Deus para esta missão: são cerca de 1.500 no total. A maioria são padres, mas um número significativo é constituído por irmãos, que participam plenamente na mesma missão através das mais diversas competências profissionais. Juntos, esforçam-se por estar atentos às necessidades concretas das populações a que são enviados, sobretudo no âmbito da promoção humana, da educação, da saúde, das comunicações e do desenvolvimento integral.

Provenientes da Europa, África, América e Ásia, os Missionários Combonianos operam prioritariamente em contextos marcados pela pobreza, marginalização, injustiça e novas e antigas formas de escravatura.



Nestes ambientes, empenham-se em formar comunidades cristãs vivas, capazes de ser fermento de promoção humana e transformação social. O seu serviço é animado pela esperança de contribuir para a construção de um futuro em que a humanidade possa viver em harmonia com a Mãe Terra, na paz entre os povos, reconhecendo-se na dignidade comum de filhos e filhas de Deus.

Fundados por São Daniel Comboni em meados do século XIX, com o sonho de levar o Evangelho e um desenvolvimento integral aos povos de África, os Missionários Combonianos operam hoje em todos os continentes. Estão presentes tanto onde é necessário iniciar novas comunidades cristãs, como onde é necessário acompanhar e apoiar Igrejas locais jovens, ainda em fase de crescimento e consolidação.



No contexto do forte aumento dos fluxos migratórios do nosso tempo, os Missionários Combonianos desempenham hoje uma parte significativa da sua missão também no hemisfério norte, em particular nas periferias humanas e sociais das grandes cidades. Nestes ambientes, partilham a fé cristã como fermento de fraternidade, de diálogo intercultural e de amizade social entre pessoas de diferentes povos, culturas e religiões.

O lema que guiou São Daniel Comboni, «Salvar a África com a África», continua a inspirar profundamente os Missionários e as Missionárias Combonianas. Isso traduz-se no compromisso de responsabilizar e emancipar as pessoas e as comunidades locais, para que sejam protagonistas do seu próprio crescimento cristão, social e humano. Este estilo missionário expressa-se de modo particular na



formação de lideranças locais, tanto nas comunidades eclesiais como nos projetos de desenvolvimento e justiça social.



No coração de cada missionário comboniano continua a «arder a chama» que São Daniel viu sair do coração aberto de Cristo na cruz, num momento contemplativo especial, na Basílica de São Pedro, em Roma, a 15 de setembro de 1864: é o amor recebido do Coração de Cristo, Bom Pastor, que ainda hoje impulsiona os missionários a ir ao encontro dos mais pobres e abandonados. Onde quer que sejam enviados, esta chama de amor anima-os a entrar num diálogo respeitoso com todos, para partilhar a fé e promover caminhos de fraternidade que reacendam a esperança num mundo reconciliado e em paz.



O carisma missionário dado por Deus a São Daniel Comboni é hoje partilhado por diferentes realidades que, em conjunto, constituem a Família Comboniana. Por isso, sempre que possível, os Missionários Combonianos colaboram estreitamente com as Irmãs Missionárias Combonianas, as Missionárias Seculares e os Leigos Missionários Combonianos. Cada grupo vive e encarna, segundo a sua vocação específica, o mesmo espírito missionário que animava o Fundador.

O carisma de São Daniel Comboni é um dom para toda a Igreja e está aberto a múltiplas formas de participação. Parte da missão das comunidades combonianas é também partilhar este espírito com as Igrejas de antiga fundação, para que possam renovar o seu impulso missionário e colaborar ativamente no anúncio do Evangelho e em gestos concretos de solidariedade, justiça e paz, sinais visíveis do amor de Deus por toda a humanidade, sem qualquer distinção.

Irmãs Missionárias Combonianas



Nascemos de um grande sonho de São Daniel Comboni, de um ideal que nos enche o coração. Comboni deixou-nos uma herança que é graça e responsabilidade, dom e conquista. Ele via na nossa identidade de mulheres missionárias a imagem das **mulheres do Evangelho**, como escreveu numa das suas cartas: «Se não tivesse tantas ocupações, gostaria de vos dar uma ideia do apostolado destas irmãs, a verdadeira imagem das mulheres antigas do Evangelho» (E. 3554).

Desde então, o testemunho de Maria Madalena, das Miróforas, da Samaritana, da mulher que amassa o pão, das mulheres estéreis e tornadas férteis, juntamente com o das outras **discípulas de Jesus**, ilumina o nosso caminho e a nossa dedicação missionária como irmãs combonianas.



Como Maria Madalena, Maria de Tiago e Salomé, que preparam perfumes e, movidas pelo Amor, vão ao túmulo para ungir o corpo do Mestre, como estas três mulheres, pequena comunidade como muitas das nossas comunidades, sentimo-nos encorajadas a pôr-nos a caminho quando ainda é noite, com olhos e ouvidos atentos aos gemidos da humanidade e do cosmos, a cuidar da vida mais ferida, de todas as formas de vida e também da morte; a realizar gestos que parecem sem sentido; a cuidar do que outras pessoas abandonaram; a reconhecer os sinais de renascimento presentes na história e sermos nós mesmas geradoras; a ser amantes da Vida e ter a coragem e a docilidade de penetrar no Mistério e deixar-nos transformar por Ele.

Muitas de nós conhecemos terras áridas, aparentemente sem vida, mas a experiência nos diz que mesmo o deserto traz consigo um **potencial gerador**, assim como as mulheres estéreis da

Bíblia guardam em si uma fecundidade que ninguém lhes pode tirar. É precisamente nos desertos geográficos e existenciais que anunciamos a **Fonte de água viva**. Muitas vezes, as realidades para as quais somos enviadas parecem úmidos ressecados, tornados assim pela exploração e pela violência sofrida, mas estão abertas para nos acolher, na esperança de um renascimento.



A nossa missão é ser pão, alimento e alegria; existência doada para aliviar o sofrimento humano, para viver a partilha e mobilizar relações autênticas e humanizantes. A mulher da parábola une farinha, água e fermento; as nossas mãos misturam os nossos conhecimentos com os conhecimentos dos povos a quem somos enviadas. Amassamos o pão da existência em sinergia com as forças de outras mulheres e homens, de organizações religiosas e civis, para construir relações que sejam comunitárias e solidárias.

Os caminhos percorridos são muitos: desertos e florestas, periferias e fronteiras, estradas de terra batida, rios e asfalto, aldeias e cidades. Expressamo-nos através de diferentes ministérios, mas com um único desejo: cuidar da vida, daquela vida empobrecida e explorada que inclui os corpos humanos, mas também os corpos-território da terra, da água, das florestas, igualmente empobrecidos e explorados. O cuidado é um caminho de reciprocidade, porque ao cuidar sentimo-nos cuidadas, e também porque quando um ser é violado, toda a rede da vida sofre. O cuidado é um ato comunitário e político. É ternura, mas também transgressão contra um sistema dominante.



A mulher sem nome que dialoga com Jesus, a **samaritana**, lembra-nos a capacidade de ir além dos nossos limites e fronteiras, de estabelecer relações nas quais o poder circula, de nos reconhecermos capazes de abandonar as nossas seguranças e convicções para nos lançarmos

em caminhos inéditos. A mulher samaritana e o homem judeu que a encontra no poço falam-nos do encontro possível entre etnias diferentes e da superação dos preconceitos que separam homens e mulheres. O seu diálogo passa da esfera material para a espiritual, como muitas vezes acontece na missão, quando, a partir da satisfação das necessidades primárias, se chega, com humildade, a falar do Mistério, a testemunhar o Deus-Presença que rompe todos os esquemas em que tentamos encerrá-lo.



«A Sabedoria clama nas ruas, nas praças faz ouvir a sua voz»; Jesus anuncia nas ruas e nas casas; Comboni entra nos pátios e nos desertos. Alimentadas por uma **espiritualidade feminina, bíblica e místico-política**, os nossos passos seguem as suas pegadas, anunciadoras de relações de reciprocidade, de uma humanidade reconciliada consigo mesma e com toda a criação.

Missionárias Seculares Combonianas



«O Senhor também vos escolheu para colaborar com a oração, a doação total de vós mesmas e a obra do apostolado, **colocando-vos na mesma família fundada pelo nosso pai, Monsenhor Daniele Comboni**».

Esta expressão do padre Egidio Ramponi – a quem se deve a ideia fundadora do nosso Instituto – dirigida às primeiras quatro jovens mulheres que, em 22 de agosto de 1951, se entregaram ao Senhor no que viria a ser o Instituto Secular Missionárias Combonianas, contém o núcleo essencial da nossa vocação e pertença à Família Comboniana.

A aprovação pontifícia de 22 de maio de 1983 foi uma etapa importante para o nosso Instituto, um ponto de chegada de uma história que foi evoluindo, mas também um ponto de partida para um caminho que nos levaria a focar melhor a nossa identidade, até hoje. A recente aprovação das Constituições atualizadas, fruto de um longo período de reflexão, é um sinal disso.



O nosso próprio nome, Missionárias Seculares Combonianas, expressa a identidade da nossa vocação, que tem o seu fundamento na própria experiência de Cristo vivida por Comboni, no seu amor pelos últimos e em «**fazer causa comum** com eles». Partilhar a sua paixão por Cristo e pela humanidade traduz-se na doação total de nós mesmas em resposta ao chamamento, através da profissão dos conselhos evangélicos.



Uma paixão que se alimenta no encontro pessoal com o Senhor, do qual brota o desejo de partilhar com todas as pessoas, e em particular com aqueles que estão mais distantes, a Boa Nova do Evangelho, para que todos possam conhecê-Lo e encontrá-Lo e ter vida em abundância (cf. Jo 10, 10).

A «**secularidade**» é a dimensão que caracteriza o espírito e a forma como encarnamos o dom do **carisma comboniano**; isto une-nos à condição de todos os cristãos leigos que vivem no mundo, inseridos no seu ambiente social, profissional e eclesial.



É um modo de viver que tem a sua referência na Encarnação do Filho de Deus e que implica uma plena pertença à história, vivida ao estilo de Jesus, o mais humano dos homens, filho e irmão de todos, que nos leva a partilhar as mesmas situações, mesmo de precariedade e incerteza, da maioria das pessoas comuns, a assumir os desafios, os sofrimentos e as esperanças da humanidade.

Como Missionárias Seculares Combonianas, estamos inseridas, cada uma no seu ambiente, na sua situação, vivendo do seu trabalho. Esta é a nossa maneira de transformar o mundo a partir de dentro com o espírito do Evangelho.

Em sintonia com as imagens evangélicas do **sal** e do **fermento**, elementos simples da vida quotidiana que atuam a partir de dentro, colocamos a ênfase em **ser fermento missionário** em todas as realidades e situações humanas, mais do que na visibilidade da organização, das obras ou das estruturas.

Este é o elemento que nos une a todas na pluralidade das situações de vida, ambientes, atividades, idades, e que se manifesta numa multiplicidade de formas de viver e expressar a missão.

Cultivamos uma atitude de abertura às situações de fronteira no nosso país ou em países diferentes, dispostas a ir às diferentes periferias do mundo. Um «**ir**» que é, antes de tudo, um **sair** de nós mesmas, dos nossos limites estreitos, para alargar os horizontes ao mundo inteiro, especialmente às pessoas mais pobres, aos últimos...; uma atitude que permeia toda a nossa experiência e que pode concretizar-se também na escolha de um serviço em contextos ou lugares diferentes daqueles da vida comum.



Anima-nos o desejo de manter viva em toda a parte aquela abertura missionária que faz do partir dos últimos o critério, não só de uma vida evangélica autêntica, mas também humana.



Sentimo-nos chamadas a viver em primeira pessoa esta «tensão de saída», sendo testemunhas também para os outros de todas as formas possíveis, nas relações interpessoais, nas diferentes situações quotidianas, nas comunidades cristãs e em todos os contextos de vida e de compromisso, também através de iniciativas específicas, abertas à colaboração com todas as pessoas de boa vontade.

Leigos Missionários Combonianos



Desde o início da sua missão, São Daniel Comboni levou consigo **pessoas leigas** que pudessem **acrescentar valor ao seu sonho** em África, partilhar as suas profissões e, assim, ajudar as comunidades necessitadas de desenvolvimento.

Segundo ele, os missionários e missionárias leigos «contribuem para o nosso apostolado mais do que os sacerdotes contribuem para a conversão, porque os alunos e os neófitos negros ficam com eles por um período bastante longo. Com o exemplo e a palavra, são verdadeiros apóstolos para os alunos, que os observam e os ouvem mais do que podem observar e ouvir os sacerdotes» (S 5831).

E não apenas os missionários, ele considerava que a formação dos leigos e das leigas constituía um elemento central da sua maneira de fazer missão, insistia em *salvar a África com a África*:

«Todos os meus esforços são direcionados para fortalecer estas duas missões onde preparamos bons indígenas das tribos centrais, para que se tornem apóstolos da fé e da civilização na sua pátria» (S 3293); «Conseguí formar professores e catequistas negros competentes, bem como sapateiros, pedreiros, carpinteiros, etc., e abastecer as estações de Cartum e Cordofão. Os indígenas assim formados são indispensáveis para a existência de uma missão» (S 3409).



À luz deste carisma, muitos leigos e leigas que acompanhavam os religiosos nas animações missionárias nos seus países pediram também para serem missionários e missionárias e para ir com esta vocação para outros países. Assim, no final dos anos 80, nasceram os grupos de **Leigos Missionários Combonianos**, grupos de pessoas leigas prontas a colocar as suas competências profissionais e a sua vida ao serviço da missão.

Comboni quis-nos **Santos e Capazes**, pelo que o nosso compromisso como mulheres e homens cristãos é poder partilhar a nossa vida de fé e a nossa experiência profissional com aqueles que mais precisam.

Atualmente, estamos presentes em 21 países da Europa, América e África, colaboramos tanto nas comunidades internacionais, onde como LMC de diferentes países nos reunimos para ter uma presença missionária comum e para partilhar a nossa vida com as comunidades carentes nas periferias das cidades ou nas zonas rurais onde muitos são esquecidos, como nos nossos países de origem onde, como leigos e leigas inseridos na sociedade, procuramos propor um estilo de vida alternativo e solidário com aqueles que são excluídos deste mundo.





A título de exemplo, poderíamos dizer-vos como é importante oferecer formação em agricultura ecológica no nordeste do Brasil, para acompanhar e formar as comunidades a confrontar-se com as grandes propriedades e as empresas mineiras extrativas.

Assim como na República Centro-Africana, onde também acompanhamos a população Pigmea-Aka nos seus acampamentos, com escolas de integração, e procuramos fazer com que os seus direitos sejam reconhecidos

como cidadãos de primeira classe numa sociedade que procura relegá-los.

Em Moçambique, onde também nos ocupamos da formação profissional de jovens de comunidades rurais, dando-lhes qualificações que lhes permitam entrar no mercado de trabalho, ou acompanhando as inúmeras comunidades da paróquia que vivem no interior, onde quase nada chega.



Ou nas periferias das grandes cidades latino-americanas (Peru, Brasil, Guatemala...), onde há muitas pessoas que tentam sobreviver e ganhar a vida, pessoas que migram do interior para procurar trabalho na cidade, mas que muitas vezes mal sobrevivem devido à precariedade do trabalho que encontram.



Na Europa, encontramos também muitas **pessoas migrantes** com quem caminhar juntos, pessoas provenientes dos países onde estamos presentes e que acompanhamos também a partir da nossa experiência missionária de vida em África ou na América, e procuramos fazê-las sentir-se acolhidas como nós nos sentimos nos seus países e acompanhá-las e apoiá-las na sua integração na nova sociedade.



Queremos viver tudo isto a partir das nossas comunidades locais, porque sentimos que a nossa vocação missionária é viver esta vocação a partir da **comunidade**, e por isso nos reunimos para nos formarmos, rezarmos, partilharmos a nossa vida, os nossos sonhos e o nosso compromisso missionário.